



# «A FÉ, REALIZAÇÃO DA RAZÃO»

*Apontamentos das intervenções de Francesco Cassese e Davide Proseri  
na Jornada de Início de Ano dos adultos de Comunhão e Libertação da Lombardia*

Mediolanum Forum, Assago (Milão) e por videoconferência, 23 de setembro de 2023

# «A FÉ, REALIZAÇÃO DA RAZÃO»

***Apontamentos das intervenções de Francesco Cassese e Davide Prospero  
na Jornada de Início de Ano dos adultos de Comunhão e Libertação da Lombardia***  
Mediolanum Forum, Assago (Milão) e por videoconferência, 23 de setembro de 2023

## ***Davide Prospero***

«Pai santo, guarda em Teu nome aqueles que Me deste, para que sejam um, assim como Nós. [...] Santifica-os na verdade. A Tua palavra é a verdade. Assim como Tu Me enviaste ao mundo, também Eu os envio ao mundo. Eu consagro-Me por eles, para eles serem também consagrados na verdade. Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que, pela sua palavra, não-de crer em Mim, para que todos sejam um só; como Tu, ó Pai, estás em mim e Eu em Ti, que também eles estejam em Nós, para que o mundo creia que Tu Me enviaste. Dei-lhes a glória que Tu me deste, de modo que sejam um, como Nós somos Um. Eu neles e Tu em Mim, para que eles sejam perfeitos na unidade e para que o mundo reconheça que Tu Me enviaste e os amaste, como Me amaste a Mim».<sup>1</sup>

Invocamos a ação do Espírito Santo, o único capaz de nos fazer ouvir continuamente a voz de Cristo nas nossas vidas.

*Descei Espírito Criador*

## ***Francesco Cassese***

Bem-vindos, obrigado por estarem aqui. Saúdo todos os que estão aqui presentes em Milão e também todos os que nos estão a seguir através de ligação vídeo a partir das várias cidades da Lombardia.

Gostaríamos de começar este nosso dia com duas pequenas premissas.

A primeira é que o conteúdo que vamos ouvir retoma a Introdução e a Síntese feitas pelo David na Assembleia Internacional de Responsáveis em La Thuile, há um mês. Gostaria de sublinhar que a lição de hoje é fruto de um longo trabalho – pelo qual estamos muito gratos – que realizámos no último ano em conjunto com alguns responsáveis, cujo foco foi a «experiência cristã», uma dimensão – a da experiência em geral e a da experiência cristã em particular – muito significativa na abordagem original de *don* Giussani à vida e à fé, à qual ele dedicou muita atenção desde a origem do nosso movimento.

A segunda coisa que gostaria de sublinhar é que hoje e nos próximos dias haverá outras Jornadas de Início de Ano, nas regiões de Itália e nos países onde esta-

<sup>1</sup> Jo 17,11.17-23.

mos presentes. Alguns dos responsáveis retomarão os conteúdos que David nos vai propor hoje e envolverão pessoas das suas respetivas comunidades num momento de testemunho.

### **Prosperi**

Gostaria de acrescentar que esta escolha é uma forma de valorizar a responsabilidade daqueles que me ajudam na condução do movimento e de promover um gesto concreto de comunhão entre todas as pessoas que participarão nos vários locais. E é também um modo de exprimir o carinho e a paixão que nutro pessoalmente por cada um de vocês, de que me comecei a aperceber mais claramente através da tarefa que me foi confiada nesta fase da nossa história. A paternidade de que *don* Giussani sempre nos falou pode ser vivida e exercitada em vários graus, tal como é pedido a cada um de nós. Recordo as palavras com que ele conclui a assembleia nos Exercícios da Fraternidade de 1999: «Por isso quis vir aqui saudar-vos: desejo-vos que tenham a experiência de pai; pai e mãe: desejo-o a todos os chefes, a todos os responsáveis das vossas comunidades, mas também a cada um de vocês, porque cada um deve ser pai dos amigos que tem, deve ser mãe da gente que tem por perto; não dando-se ares de superioridade, mas com uma caridade efetiva. Ninguém, na verdade, pode ser tão ditoso e feliz como um homem e uma mulher que se sentem feitos pelo Senhor pais e mães. Pais e mães de todos os que encontram».<sup>2</sup>

Antes de entrar no conteúdo da lição, vamos cantar juntos duas canções.

*Se tu sapessi* (A. Anastasio)

*The Things that I See* (R. Veras-R. Maniscalco)

«Caríssimos, valorizai o precioso dom do vosso carisma e a Fraternidade que o conserva, porque ele ainda pode fazer “florescer” muitas vidas. A potencialidade do vosso carisma ainda deve ser em grande parte descoberta».<sup>3</sup>

Este é o convite sincero que recebemos do Santo Padre há menos de um ano. Foi também por causa dele que optámos por retomar o caminho da Escola de Comunidade desde o início, a partir d’ *O Sentido Religioso*. E, no percurso feito, apercebemo-nos de que tínhamos dado por adquirido o conteúdo e o significado de algumas palavras fundamentais, que estão, digamos, entre os pilares da proposta educativa do nosso carisma. Por exemplo, o tema da infalibilidade do coração e a correspondência com as evidências e necessidades originais que o constituem; mas sobretudo, indo à raiz, a questão da experiência.

Por outro lado, dedicámos os Exercícios da Fraternidade ao tema da fé. Qual é a relação entre a experiência, como Giussani a entende, e a fé cristã? No trabalho dos próximos meses queremos ajudar-nos a responder a esta pergunta. Por isso dissemos a nós mesmos: é preciso retomar, com seriedade e humildade, o confronto com o ensinamento de *don* Giussani, ou seja, sem a pretensão de tê-lo já percebido antes mesmo de começar a trabalhar. Não se trata de avançar em terreno pantanoso, onde se apagam os passos já dados. Trata-se antes de voltar às fontes da expe-

<sup>2</sup> L. Giussani, *Dar a vida pela obra de Outro*, Paulus, Lisboa 2022, p. 215.

<sup>3</sup> Francisco, «Arda nos vossos corações esta santa inquietação profética e missionária», pp. 14-15.

riência que já temos, para aprofundar cada vez mais o seu valor e o seu significado, deixando-nos provocar pelas circunstâncias sempre novas e – por que não – pelas dificuldades que encontramos no caminho.

O carisma que nos é transmitido é uma forma de ensinamento; e é, ao mesmo tempo, uma novidade de vida que exprime e vivifica esse ensinamento: é uma renovação da experiência da fé cristã, no tempo e no espaço, uma tónica fascinante e persuasiva, adaptada ao presente, através da qual o facto de Cristo investe a nossa vida, bate à nossa porta.

Gostaria agora de me concentrar num destes fatores – a experiência – que me parece importante clarificar, precisamente para tornar mais frutuoso e útil o trabalho dos próximos meses.

## 1. A CENTRALIDADE DA EXPERIÊNCIA E A SUA RELAÇÃO COM A FÉ

### O conceito de experiência

Antes de mais, é necessário alargar o conceito de experiência em relação à forma como é comumente entendido, para compreender plenamente a sua centralidade na proposta educativa de Giussani, em total imanência com a tradição da Igreja. Não é por acaso que, no *Educar é um risco*, ele atribui à ligação com a tradição um papel fundamental, indispensável para a educação, sem a qual ficamos inevitavelmente – são palavras suas – «sob o poder das forças incontroladas do instinto [da nossa reatividade] e do poder»<sup>4</sup> de serviço.

O facto de a experiência ser reconhecida como tendo um papel fundamental é claro desde o início (estamos na segunda metade dos anos cinquenta). É bem conhecida a insistência de Giussani tanto no cristianismo como experiência, encontro, Facto,<sup>5</sup> como na

experiência como lugar de verificação da proposta cristã.<sup>6</sup> Nos anos posteriores, a experiência é claramente sublinhada como o ponto de partida necessário de todo o conhecimento autêntico («o homem só pode partir da experiência, que é o lugar onde a realidade emerge», «se dá a conhecer»<sup>7</sup>).

A propósito da experiência, numa carta a Giussani em 1963, o então cardeal Montini exprime algumas apreensões: «Aludo especialmente à experiência cristã como fonte da verdade cristã; pode até correr bem como método pedagógico, se for um mestre a guiá-lo e depois souber pôr em ordem, até na mente dos jovens, a escala objetiva das verdades e dos valores: mas aquele primado da experiência, teorizado como absoluto, não é admissível; os seguidores inexperientes do método podem dar-lhe uma voz doutrinal incorreta».<sup>8</sup> Montini formula a sua preocupação relatando posições que são atribuídas por alguns a Giussani, embora não sejam dele.

Poucos meses depois de ter recebido a carta, Giussani responde à preocupação de Montini com um livrinho intitulado *A experiência*, que obtém o *imprimatur* de monsenhor Carlo Figini, censor da diocese ambrosiana. São poucas páginas, mas muito densas. Em 1964, uma parte volta a ser publicada em *Apontamentos do método cristão*, sobre a experiência cristã, enquanto em *Educar é um risco* (1977) o texto volta a ser publicado na íntegra com o título *Estrutura da experiência*. Giussani propõe aí a sua conceção da experiência e, ao mesmo tempo, faz uma dupla crítica: diz não à redução da experiência a um experimentar sem juízo, e diz não à redução intimista, interiorista, subjetivista da experiência, ou seja, à redução protestante e modernista.

Sobre o primeiro aspeto da crítica, Giussani observa: «O que caracteriza a experiência não é tanto o fazer, o estabelecer relações com a realidade como um

<sup>4</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2023, p. 129.

<sup>5</sup> Cfr. L. Giussani, «Come educare al senso della Chiesa» (1960), em Id., *Porta la speranza. Primi scritti*, Marietti1820, Génova 1997, pp. 7-8.

<sup>6</sup> Vejam-se, além de outros textos reunidos em L. Giussani, *Porta la speranza*, op. cit., por exemplo: L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2006, que contém textos de 1959, 1960 e 1964; Id., *Il Movimento di Comunione e Liberazione (1954-1986). Conversazioni con Robi Ronza* (1987), Bur, Milã 2014.

<sup>7</sup> L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*, Bur, Milão 2000, pp. 274, 287.

<sup>8</sup> G.B. Montini citado em A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, Tenacitas, Coimbra 2017, p. 312.

facto mecânico: este é o erro implícito na frase tão usada de “fazer experiências” em que a “experiência” se converte em sinónimo de “provar”. O que caracteriza a experiência é o *entender* uma coisa, o descobrir o seu *sentido*. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas. E o sentido de uma coisa descobre-se na sua ligação com o resto, por isso, a experiência significa descobrir como determinada coisa é útil para o mundo».<sup>9</sup>

Don Giussani elabora uma noção de experiência na qual a experiência não tem o juízo fora de si (como se dissesse: há a experiência e “depois” há o juízo), mas o contém, o implica, é caracterizada por ele. O juízo é parte integrante da experiência. N’ *O Sentido Religioso*, escreve: «É certo que a experiência coincide com «provar» alguma coisa; mas coincide, principalmente, com o juízo dado sobre o que se prova».<sup>10</sup> Noutros contextos, diz também que a experiência é um «provar ajuizado».<sup>11</sup> Até aqui, a referência é à experiência em geral.

### A experiência cristã

O segundo aspeto da crítica (o não à redução subjetiva da experiência) é desenvolvido na segunda parte do livrinho de 1963, onde Giussani fala da experiência *cristã*. As passagens dedicadas ao tema são de tal maneira essenciais, expressas dum modo tão claro e sintético, que vale a pena citá-las na íntegra.

«A experiência cristã e eclesial emerge como unidade do ato vital resultante de três fatores:

a) O *encontro* com um facto objetivo, originalmente independente da pessoa que vive a experiência: facto cuja realidade existencial é uma comunidade sensivelmente documentada, tal como acontece com qualquer realidade integralmente humana, comunidade na qual a voz humana da autoridade, manifestada nos seus juízos e diretrizes, constitui critério e forma. Não existe nenhuma versão da experiência cristã, por muito íntima que seja, que não implique, pelo menos em

última instância, este encontro com a comunidade e esta referência à autoridade.

b) O poder de perceber adequadamente o significado desse encontro. O valor do facto em que embatemos transcende a força de penetração da consciência humana, e requer, por conseguinte, um gesto de Deus para a sua compreensão adequada. De facto, este mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também a capacidade cognitiva da consciência, adequando a agudeza do olhar humano à realidade excepcional que a provoca. É o que *se chama a graça da fé*.

c) A *consciência da correspondência* entre o significado do Facto em que embatemos e o significado da existência – entre a realidade cristã e eclesial e a própria pessoa –, entre o Encontro e o próprio destino. É a consciência desta correspondência que verifica esse crescimento de si próprio, que é essencial ao fenómeno da experiência».<sup>12</sup>

O tríplice fator indicado coloca-nos diante da conceção de Giussani da experiência cristã, que a subtrai às reduções referidas.

Por isso, recapitulando, sem um ou outro destes fatores, o encontro com um facto objetivo (comunidade e autoridade), a percepção do significado do facto (graça da fé), a consciência da correspondência entre o Facto, a realidade cristã e eclesial, e a própria pessoa (portanto, a verificação), não se pode falar de «experiência cristã», porque a sua plenitude e autenticidade ficariam comprometidas.

## 2. A RELAÇÃO ENTRE A EXPERIÊNCIA E A FÉ

### A dinâmica da fé

Em *É possível viver assim?*, e depois em *Si può (veramente!?) vivere così?*, falando aos jovens que iniciaram um caminho de entrega total a Cristo na virgindade,

<sup>9</sup> L. Giussani, *Educar é um risco*, Paulus, Lisboa 2018, pp. 117-118.

<sup>10</sup> L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 25.

<sup>11</sup> L. Giussani, *Latrattiva Gesù*, Bur, Milão 1999, p. 316.

<sup>12</sup> L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., pp. 120-121.

Giussani propõe uma descrição da dinâmica da fé cristã, «de como a fé nasce», «nasce e si se demonstra humanamente, razoavelmente».<sup>13</sup>

Para nos introduzir a esta, formula uma longa premissa sobre a fé como método de conhecimento da razão. A razão tem, de facto, um método para conhecer «coisas que não vê diretamente e que não pode ver diretamente»: esta «pode conhecê-las através do testemunho de outros». Chama-se «conhecimento indireto por mediação»<sup>14</sup> ou conhecimento por fé e não é menos certo do que o adquirido diretamente, desde que se tenha chegado a um juízo de fiabilidade sobre a testemunha através do método da certeza moral: «se alguém alcança a certeza de que uma pessoa sabe o que diz e não o quer enganar, então logicamente deve confiar nela, porque se não confia vai contra si próprio».<sup>15</sup> Assim, posso nunca ter estado na América e, no entanto, afirmar racionalmente, com certeza, através do testemunho de outros, que ela existe. A cultura, a história e a convivência humana baseiam-se neste tipo de conhecimento.

Dito isto, dirigindo-se aos seus interlocutores, Giussani observa: «Cristo é o objeto total da nossa fé. Como podemos conhecer Cristo de tal modo que possamos apoiar nele todo o sacrifício da vida?». Evidentemente, dos métodos «usados pela razão, aquele que aqui se aplica é o método da fé. A Cristo não o conhecemos diretamente, nem por evidência, nem por uma análise da experiência».<sup>16</sup>

Conhecemo-lo, precisamente, pela fé.

Entremos então na dinâmica da fé cristã.

a) Para a descrever, Giussani remonta à origem, ao modo como o problema surgiu na história, portanto àquela página do Evangelho de João<sup>17</sup> em que é narrado o encontro de André e João com Jesus de

Nazaré. Este é o primeiro fator do caminho da fé cristã. «A primeira característica da fé cristã é que parte de um facto, um facto que tem a forma de um encontro».<sup>18</sup> E isto, como todos os outros passos do caminho que recordaremos, é válido igualmente para nós, hoje.

b) O segundo fator é o *carácter excepcional* do acontecimento. O homem que tinham à sua frente era «*uma Presença excepcional*». De que outra forma poderiam, ao fim de poucas horas, ter feito suas as suas palavras e tê-las repetido a outros? «Encontrámos o Messias». Ora, «excepcional» significa para Giussani correspondente às exigências originais do coração humano. «Encontrar um homem excepcional quer dizer encontrar um homem que realiza uma correspondência com aquilo que tu desejas, com a exigência de justiça, de verdade, de felicidade, de amor... que deveria ser uma coisa natural, mas que nunca acontece, é impossível, é inimaginável». Neste sentido, sublinha Giussani, «excepcional equivale a divino: divino, porque a resposta ao coração é Deus. Uma coisa verdadeiramente excepcional é uma coisa divina».<sup>19</sup>

c) O terceiro fator é o espanto: «O facto do qual a fé em Cristo parte, o encontro de que partiu a fé de João e André [...] despertou neles um grande espanto». Naqueles dois, e nos outros que constituíam o primeiro grupinho que acompanhava Jesus nos lugares por onde andava, e depois em toda a gente que o encontrava, nascia um espanto irrefreável: tinham diante de si um homem sem paralelo, pelo que dizia («Nunca ninguém falou como este homem»), pelo que fazia (os milagres, o seu poder sobre a realidade, a bondade, o olhar revelador do humano...). «Mas o espanto é sempre um pedido, pelo menos secreto».<sup>20</sup> Que, a dada altura, explode.

<sup>13</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?, Vol. I, Fé*, Tenacitas, Coimbra 2007, p. 63. Giussani retoma aqui os conteúdos dum texto seu anterior: *Na origem da pretensão cristã*, Tenacitas, Coimbra 2012, em especial os capítulos 3 a 7.

<sup>14</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., pp. 24-25.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>16</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>17</sup> Jo 1,35-51.

<sup>18</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 41.

<sup>19</sup> *Ibidem*, pp. 41, 43-44.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p. 44.

d) Quarto: o aparecimento de uma pergunta paradoxal: «*Quem é este homem?*». É paradoxal porque de Jesus «sabiam tudo, sabiam bem quem era, mas o seu modo de agir, de se comportar, era tão excepcional» que, antes de mais aqueles «que eram os seus amigos, não puderam deixar de se perguntar: “Mas de onde é que este Homem vem?”». Giussani observa: «A fé começa exatamente com esta pergunta: “Quem é este homem?”».<sup>21</sup>

e) Quinto: *a sua resposta*.<sup>22</sup> A pergunta que acabámos de referir é uma pergunta inexorável, mas sem resposta: não se pode dizer quem Ele é, a Sua identidade (a Sua divindade) escapa ao alcance da razão. Os Evangelhos relatam um episódio ocorrido perto de Cesareia de Filipe. Jesus estava lá com o seu grupinho. Tomado por um pensamento repentino, pergunta: «Quem dizem os homens que Eu sou?».<sup>23</sup> Depois das respostas, que conhecemos, dirige-lhes a eles a pergunta: «E vós quem dizeis que eu sou?». E Pedro, impulsivamente: «Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo».<sup>24</sup> Em várias ocasiões Giussani comenta: ele repete «provavelmente, mesmo sem compreender totalmente o significado, uma coisa que tinha ouvido o próprio Jesus dizer».<sup>25</sup> E é elogiado: «És feliz, simão, filho de Jonas, porque não foram nem a carne nem o sangue quem to revelou, mas o Meu Pai que está nos céus».<sup>26</sup> Com efeito, é uma resposta que supera a capacidade da razão humana: «A razão não consegue demonstrar a divindade de Cristo, porque a divindade, enquanto pessoalmente presente numa realidade humana, não é o objeto da razão. A razão

pode, isso sim, chegar ao facto de que se encontra diante de uma coisa excepcional, mas não consegue chegar a definir quem é Jesus Cristo, enquanto divino que se comunica ao humano». Por isso Pedro só pode dizer: «Sabemos que és Deus porque o disseste».<sup>27</sup> A resposta à pergunta sobre quem Ele é, é sua, de Jesus. Pedro «crê» naquilo que Jesus diz de si. Como é que acreditava n’Ele? Para Pedro e para os outros, dia após dia, a partir do primeiro encontro, seguindo-O, estando com Ele, uma coisa se tinha tornado mais evidente do que qualquer outra: «Que tinham de confiar n’Ele: “Se não confio neste homem, não posso sequer acreditar nos meus olhos”».<sup>28</sup>

f) Sexto ponto: a nossa responsabilidade diante do acontecimento («a coragem de dizer sim»<sup>29</sup>). «Diante da pergunta “Quem é este Homem?” e diante da resposta que Pedro dá, uma pessoa pode dizer sim ou não: aderir àquilo que Pedro diz, ou então ir-se embora, como todos os outros se foram embora».<sup>30</sup> A resposta de Pedro é a resposta da fé: «A fé afirma uma coisa porque Ele a disse. Ponto». E é «razoável que uma pessoa aceite uma coisa porque Ele a disse, na medida em que é historicamente palpável e confirmável uma excepcionalidade de comportamento, uma excepcionalidade de *performance*, que não se encontra em mais nenhum lado».<sup>31</sup> Aliás, sublinha Giussani, «a única coisa racional é o sim. Porquê?». Porque Cristo «corresponde à natureza do nosso coração mais do que qualquer imagem nossa, corresponde à sede de felicidade que temos e que constitui a razão de viver».<sup>32</sup>

<sup>21</sup> *Ibidem*, pp. 46-47.

<sup>22</sup> Voltando ao *Si può (veramente?!) vivere così?* sobre o percurso da fé que ele desenvolveu nos cinco pontos de *É possível viver assim?*, Giussani sugere uma subdivisão diferente, em seis pontos, que eu adoto aqui. Com efeito, diz: «Vou fazer seis pontos: o *quarto* é a nossa pergunta “Quem é este homem?”; o *quinto* é a sua resposta, porque não somos nós que demonstramos quem é Deus (nós chegamos àquela pergunta, uma pergunta inexorável, inevitável; não há nenhum filósofo, nenhum matemático, não há nada que lhe possa responder; mas se eu não fizer aquela pergunta, tenho de negar aquilo que foi evidente para mim: tenho de ir contra a evidência); então o *sexto* é a coragem de dizer sim: a nossa quota de coragem» (L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Bur, Milão 2020, p. 140).

<sup>23</sup> Mc 8,27.

<sup>24</sup> Mt 16,15-16.

<sup>25</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 92.

<sup>26</sup> Mt 16,17.

<sup>27</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., pp. 94-95, 93.

<sup>28</sup> *Ibidem*, p. 118.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 140.

<sup>30</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 49.

<sup>31</sup> L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, op. cit., p. 94.

<sup>32</sup> *Ibidem*, p. 143.

Enquanto «o não nasce sempre dal preconceito, do facto que Jesus se torna um escândalo, impedimento para aquilo que tu quererias».<sup>33</sup>

Dois mil anos depois, encontramos-nos exatamente na mesma situação. Tal como Pedro e os outros tinham a ver com o homem Jesus de Nazaré, com a sua excepcionalidade, também nós temos a ver com a realidade humana das suas testemunhas, com a Igreja, através da qual Cristo se torna um acontecimento no presente. Ao encontrarmos uma determinada pessoa, uma determinada comunidade, um determinado modo de vida, surge também em nós um espanto, pela correspondência experimentada às exigências originais do coração, que se torna uma pergunta: «Como é que eles fazem para ser assim?». E em virtude da confiança nas testemunhas, cultivada num caminho de convivência que implica toda a nossa razão e liberdade, amadurece uma abertura para reconhecer, para aderir à resposta que foi a de Pedro, veiculada pela própria realidade da Igreja, pela companhia cristã encontrada.

Como é que, então, o reconhecimento de Pedro se torna meu? Agora como então, o conteúdo divino do fenómeno humano com que nos deparamos não pode ser conhecido pela razão, uma vez que o objeto da fé (o divino presente no humano) está constitutivamente para além do objeto normal e próprio da razão: «O reconhecimento da presença de Cristo acontece porque Cristo “vence” o indivíduo. Ou seja, para que aconteça a fé no homem e no mundo é preciso acontecer antes alguma coisa que é graça, pura graça: o acontecimento de Cristo, o encontro com Cristo, em que se faz experiência de uma excepcionalidade que não pode acontecer por si própria».<sup>34</sup>

A fé, sublinha Giussani em *Gerar rasto na história do mundo*, «é parte do acontecimento cristão porque é parte da graça que o acontecimento representa, daquilo que ele é. [...] Como Cristo se dá a mim num acontecimento presente, também assim vivifica em mim a capacidade de O apreender e de O reconhecer». Correlativamente, porém, a nossa liberdade é chamada a

pedir e a aceitar reconhecê-lo. Nós também estamos em jogo. «A liberdade do homem resume-se no pedido: “Aceitando que tudo é graça, peço-Te a graça”: assim, salva-se totalmente quer o facto de que tudo é graça, quer o facto de que a graça de Cristo depende na sua eficácia também da minha liberdade».<sup>35</sup>

Nenhum de nós pode, portanto, chegar à certeza sobre Cristo, sobre a divindade de Cristo, sobre a sua identidade de Filho de Deus, apenas – e sublinho apenas – em virtude de algo que lhe acontece *agora*, da experiência direta que tem disso, mesmo que seja o milagre mais extraordinário.

Pensemos, para recapitular o que já foi dito, no episódio do cego de nascença (como aparece na imagem que escolhemos para esta Jornada de Início de Ano) narrado no Evangelho de João. A experiência que o cego de nascença faz, quando Jesus lhe unge os olhos com a lama, é a cura dos seus olhos. Mas que Jesus seja o filho de Deus, esse é um juízo que nem mesmo o cego de nascença conseguiu formular por força da sua *experiência direta*. «Chamaram, então, novamente o que fora cego, e disseram-lhe: “Dá glória a Deus! Quanto a nós, o que sabemos é que esse homem é um pecador”. Ele, porém, respondeu: “Se é um pecador, não sei. Só sei uma coisa: que eu era cego e agora vejo”». Cá está, a experiência direta leva-o a dizer isto. E depois, respondendo às objeções dos fariseus, permite-lhe acrescentar: “Ora isso é que é de espantar: que vós não saibais donde Ele é, e me tenha dado a vista! Sabemos que Deus não atende os pecadores, mas se alguém honrar a Deus e cumprir a sua vontade, Ele o atende. Jamais se ouviu dizer que alguém tenho dado a vista a um cego de nascença. Se este não viesse de Deus, não teria podido fazer nada”». Também este juízo é inerente à própria experiência. Mas não acaba aqui. «Responderam-lhe: “Tu nasceste coberto de pecado e dás-nos lições?”. E puseram-no fora. Jesus ouviu dizer que o tinham expulsado e, quando o encontrou, disse-lhe: “Tu crês no Filho do Homem?”». Atenção, esta é a mensagem chave: o jovem, até aqui, percebeu a exceciona-

<sup>33</sup> L. Giussani, *É possível viver assim?*, op. cit., p. 50.

<sup>34</sup> L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Gerar rasto na história do mundo*, Paulus, Lisboa 2019, p. 39.

<sup>35</sup> *Ibidem*, pp. 40, 43.



lidade do facto e de quem tem à sua frente, mas não pode dar o nome apropriado ao autor do facto, Àquele que está à sua frente. «Ele respondeu: “E quem é, Senhor, para eu crer nele?”. Disse-lhe Jesus: “Já o viste. É aquele que está falar contigo”. Então, exclamou: “Eu creio, Senhor!”. E prostrou-se diante dele».<sup>36</sup> É esta a fé, tornada possível pela iniciativa do próprio Cristo ali diante dele, à qual o cego de nascença aderiu. Sem este último passo de reconhecimento, não é ainda fé, pelo menos segundo o *proprium* do nosso carisma. Giussani repetiu-o incessantemente: a fé é reconhecer uma Presença, a presença de Cristo.

#### «E os discípulos acreditaram n’Ele»

Também nós temos de fazer o mesmo caminho dos primeiros que O encontraram e que nós recordámos. Como aprendemos, para o olhar católico, a ação do Espírito serve-se da mediação de testemunhas concretas, da mediação da Igreja, daqueles que Cristo agarrou antes de mim. Eu encontro Cristo encontrando a carne das suas testemunhas, experimentando através delas uma correspondência às minhas necessidades originais que de outra forma seria impossível, amadurecendo razoavelmente uma confiança nelas, portanto uma abertura ao anúncio que elas me transmitem, e depois verificando pessoalmente a sua relevância para a minha vida. Pensemos no espanto que tomou conta do jovem seminarista Luigi Giussani ao ouvir o padre Gaetano Corti comentar o prólogo de São João, espanto que mudou para sempre o seu modo de ver e sentir cada momento. Disse (a frase é relatada também no livro *Luigi Giussani. A sua vida*): «O instante, desde então, deixou de ser uma banalidade para mim».<sup>37</sup> Foi um acontecimento de graça “o acender da luz” no coração e na inteligência do jovem Giussani, mas passou através das palavras de alguém que lhe estava a falar, neste caso o padre Corti.

Tal como aquilo que surgiu primeiro, para João e André, não foi a fé nas palavras de Jesus, mas antes o fas-

cínio da Sua pessoa («o viam falar»,<sup>38</sup> dizia *don* Giussani), e para o cego de nascença o espanto pelo milagre de que tinha sido objeto da mesma maneira, para nós, aquilo que normalmente surge primeiro é o espanto de um encontro, o fascínio de uma presença humana que corresponde excepcionalmente ao coração. Mas deste fascínio tem início um percurso, que conduz à fé, caso contrário a experiência que podemos fazer de Cristo, ao encontrar o rosto que Ele assume concretamente para nós, permanece incompleta, pobre, imatura. Quantos se fascinaram com Jesus, mas não se abriram a reconhecer quem Ele era verdadeiramente, e o que era a vida nova, a vida verdadeira que Ele tinha vindo trazer! E, de facto, foram-se embora...

Portanto, a correspondência que os discípulos experimentam no embate com o homem Jesus, tal como nós com a companhia cristã (trata-se, com efeito, do mesmo tipo de experiência) é decisiva, na medida em que faz nascer e renascer o espanto e a pergunta («Quem é este?»), mas não é ainda *a experiência da fé no sentido pleno do termo*. Para conhecer *verdadeiramente* quem era aquele homem, os apóstolos tiveram de fazer o caminho a que nos referimos resumidamente com o exemplo do cego de nascença, que teve necessária e continuamente de passar através da decisão de terem ou não confiança n’Ele. E o mesmo é válido para nós.

Todos nos lembramos das palavras que são continuamente repetidas no Evangelho, tal como Giussani sublinha n’ *A origem da pretensão cristã*: «E os discípulos acreditaram n’Ele». É uma frase que reaparece várias vezes, em momentos diferentes. Então, perguntamo-nos: mas eles não tinham já acreditado? Sim, mas a fé é um caminho que se desenrola no tempo, numa convivência, é um «caminho de “conhecimento”»<sup>39</sup> que precisa de muitas confirmações e de muito apoio, e que nos leva cada vez mais fundo, introduz-nos a uma experiência da verdade, da beleza, do bem cada vez mais rica. Aliás, o facto de caminhar atrás de Cristo leva-me também, ao mesmo tempo, a compreen-

<sup>36</sup> Jo 9,24-25.30.34.38; itálico nosso.

<sup>37</sup> A. Savorana, *Luigi Giussani. A sua vida*, op. cit., p. 53.

<sup>38</sup> L. Giussani, *É possível viver assim? Vol. III, Caridade*, op. cit., p. 16.

<sup>39</sup> L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 66.

der cada vez melhor aquilo de que o meu coração tem verdadeiramente fome e sede. Mais: seguindo Cristo, apercebo-me a pouco e pouco que a relação com a sua Presença dilata o meu coração e alarga a minha razão, não só porque clarifica o que sacia a minha sede, mas também porque, ao fazer isso, purifica cada vez mais a minha compreensão da própria sede. Sejamos realistas: educa-me.

Por isso Giussani sublinha a urgência de uma educação, caso contrário, ver-nos-íamos, quase sem nos apercebermos, aprisionados numa consciência reduzida das nossas evidências e necessidades estruturais, caindo numa utilização subjetivista do coração (em que o que sentimos se torna o critério de juízo), com todas as consequências que conhecemos: «Todos os homens», diz Giussani, «têm o mesmo coração - as necessidades constitutivas do coração iguais para toda a gente - mas se não tivermos sido educados...! Sabem o que são, em física, os «tubos de Quincke»? Se batermos num diapasão ou numa lata, a fizermos vibrar e a colocarmos em frente a estes sete ou oito tubos, o tubo que corresponde ao comprimento de onda do som ressoa. Portanto, se estas exigências do coração não foram desenvolvidas, educadas, então podemos muito bem responder: “Mas eu não ouço isso!”, tal como tantas pessoas não ouvem».<sup>40</sup>

### 3. A EXPERIÊNCIA DA FÉ

#### Uma profundidade nova

A fé, com o tempo, leva-nos a um nível de experiência, ou seja, de compreensão e de gosto das coisas, mais profundo do que aquele que é possível à simples capacidade humana, ao sentimento ou ao ímpeto religioso natural. É para *este ponto que devemos agora olhar*, em que é necessário entrar, sob pena de esvaziarmos ou reduzirmos a própria experiência cristã. Penso em tantos dos nossos amigos que nos testemunham uma forma humanamente incompreensível de estar diante da dor e

da morte. Não são uns loucos, uns fanáticos desligados da realidade. Não, a experiência que lhes é dada fazer, duma letícia última mesmo diante da dor, torna-se possível pela fé, não pela força deles; aquilo que lhes é dado ver *na sua carne que sofre* – ou seja, a participação nos sofrimentos de Cristo –, só a fé o pode revelar. Fazem uma experiência real, mas inacessível sem a graça da fé. A fé, então, por um lado é sustentada pela correspondência experimentada no encontro, mas por outro é a porta que nos introduz a uma *experiência de correspondência nova*, que chega mesmo a incluir aquilo que uma pessoa nunca escolheria.

*Don* Giussani explica isto bem no *Em busca do rosto do homem*: «E é ainda São Paulo que nos diz: “Avaliai todas coisas e ficai com o que tem valor” (1 Ts 5,21). O que avalia o valor, o que julga não pode mais ser a enigmática e confusa profundidade da nossa experiência elementar, com o quadro rico, mas ainda desarranjado e dificilmente decifrável, das suas necessidades, dos seus interesses e das suas exigências originais. Uma enigmaticidade que torna o homem sempre inquieto. O que, pelo contrário, permite julgar, o que deixa vibrar este valor é o olhar para Cristo, palavra definitiva do Deus que nos criou sobre a nossa humanidade».<sup>41</sup>

É como quando te vês a abraçar um sacrifício, ou a perdoar uma maldade que te foi feita, com uma estranha alegria no coração simplesmente porque nesse dia tiveste a graça de pensar em Cristo, de «olhá-l’O no rosto»<sup>42</sup> mais do que é habitual, para usar uma expressão de que *don* Giussani tanto gostava. Poderíamos dizer que a relação entre experiência e fé é *quase* circular. Digo “quase” porque, vendo bem, é uma progressão, um caminho que leva tudo a uma profundidade nova: da experiência de um fascínio, nasce a fé. E da fé, nasce uma nova experiência, um novo “fascínio”, ao qual não consigo aceder sem a fé.

Pensemos no episódio evangélico da samaritana, dessa mulher que é olhada como nunca ninguém a tinha olhado, que se descobre conhecida como nunca

<sup>40</sup> L. Giussani, «*Tu*» (*o dell’amicizia*), Bur, Milão 1997, p. 51.

<sup>41</sup> L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, S. Paulo 1996, p. 94

<sup>42</sup> L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, Bur, Milão 2018, p. 136.

lhe tinha acontecido: se, a certa altura, no regresso a casa, ela não tivesse chegado ao juízo, pela própria graça de Cristo, de que aquele homem não era apenas um profeta enviado por Deus, mas era o próprio Deus feito homem, o próprio Deus que tinha atravessado o deserto até à exaustão para a encontrar – eis o juízo da fé! – ela nunca teria podido compreender o abismo de preferências de que fora objeto. Teria perdido a experiência mais correspondente de todas. Se não tivesse chegado a acreditar no que não via, no que a experiência direta não lhe podia dar, nunca teria podido saborear plenamente, isto é – paradoxalmente – experimentar plenamente o dom que lhe tinha sido dado. O encontro com aquela Presença teria ficado como uma bela recordação, para ser olhada com nostalgia, e mais nada.

A minha impressão, tendo já circulado pelas comunidades no ano passado, é de que quando entre nós se fala de *experiência cristã*, muitas vezes tentamos reduzi-la ao que podemos medir, ao que resulta do embate da realidade com o coração, à *experiência natural*, como se a fé não tivesse nada a ver, não lhe determinasse a verdadeira profundidade, não lhe plasmasse o horizonte. *Don Giussani* introduz um terceiro fator, que descreve nestes termos: «É Outro que toma a iniciativa da nossa vida, portanto é Outro que salva a nossa vida, que a leva ao conhecimento da verdade, que a leva à adesão à realidade, que a leva à afeição pela verdade, que a leva ao amor pela realidade. É Outro». Trata-se, portanto, de «aceitar que Outro se introduza entre mim e a realidade e torne possível a minha relação com esta». <sup>43</sup> É necessário, portanto, superar a possível redução da experiência a estes dois únicos fatores: por um lado, as exigências do coração (felicidade, beleza, amor), por outro a realidade, entendida como aquilo que acontece instante a instante e, ao acontecer, “tem impacto” no coração. Se, de facto, só existissem estes dois fatores, seria impossível, aliás, diríamos que seria pura loucura, dar o juízo que a Jone Carrascosa deu e nos ofereceu na *Tracce* no número de julho-agosto, testemunhando a sua condição. Como saberão, há mais de um ano, a

nossa amiga, no espaço de poucas horas, ficou progressivamente imobilizada, tendo contraído a síndrome de Guillain-Barré na sequência de uma infeção. «De repente, vi-me cheia de tubos por todo o lado: “E eu, que sou?”. [...] O serviço de cuidados intensivos é um lugar desagradável, e recordou-me muito todo o sofrimento que vi *don Giussani* suportar durante a sua doença. Com o seu grande realismo, quando tinha passado um dia mais difícil, dizia as coisas como elas eram, e ao mesmo tempo ia sempre mais além. Pensando nele, perguntava-me: “Qual é o meu lugar agora?”. Seguindo o seu realismo, rapidamente fui capaz de dizer: “A isto chama-se cruz”. E lembrei-me de quando ele dizia que as circunstâncias através das quais o Senhor nos faz passar são um fator essencial da nossa vocação. A fidelidade à cruz conduzia a um conhecimento de Cristo, mas um conhecimento de Cristo que me levava a compreender e a viver muito mais a Ressurreição. Percebi-o porque comecei a experimentar a paz. Como podiam estar presentes paz, alegria e felicidade numa fraqueza extrema? Sentia-me como uma cabeça sem corpo, como era possível uma coisa destas? “Irão reconhecer-me pela alegria nos vossos rostos”. Foi exatamente o que me aconteceu. Aquele período foi uma missão em silêncio, porque não podia falar, mas é impressionante como alguém nos cuidados intensivos pode fazer amizade apenas com os olhos. [...] Como é que isso aconteceu? Não me perguntem, não sei como é que aconteceu, mas sei Quem foi». <sup>44</sup>

Impressionados com o seu testemunho, quisemos que ela contasse a todos a sua experiência no início do novo ano, e é por isso que está hoje connosco, através de uma ligação vídeo a partir de Madrid.

### Ver o vídeo

O juízo que é aqui ilustrado nasce da fé, da relação reconhecida e vivida com Cristo: não basta o sentido religioso. A experiência testemunhada pela Jone enraíza-se na certeza, que lhe é dado através da graça, do

<sup>43</sup> L. Giussani, *In cammino (1992-1998)*, Bur, Milão 2014, pp. 193-194.

<sup>44</sup> J. Carrascosa, «Il mondo in una stanza», *Tracce*, n. 7/2023, pp. 21-22. Tradução portuguesa em <https://por.clonline.org>

facto de que o homem Jesus, que há dois mil anos foi pregado numa cruz, era o Filho de Deus, que estava a transformar o seu sofrimento no maior e mais útil ato de amor da história e, em segundo lugar, do facto de que todo o sofrimento, desde aquele dia, deve ser oferecido, pode participar da mesma misteriosa fecundidade. Sem este juízo, que a Jone certamente não poderia ter extraído apenas do que lhe estava a acontecer, mas de todo o seu percurso de fé, a partir do encontro com o movimento, ou seja, com Cristo, a sua forma de descrever o que estava a viver seria impossível, sem sentido. A Jone pôde fazer a experiência que fez – uma *experiência*: ou seja, um «sentir» e um «ver» *reais* – graças à fé em Cristo, ou seja, graças à certeza de que o homem Jesus de Nazaré foi e é verdadeiramente quem a Igreja diz que é. A fé abre-nos a uma profundidade da experiência de outra forma inalcançável.

A fé naquilo que esta Presença disse sobre si e que me chega através da tradição da Igreja tem o poder de transformar a minha forma de olhar para a dor, para o sacrifício, ou até mesmo simplesmente para as fricções que podem surgir na relação com a mulher ou com o marido, para os caprichos dos filhos, para o colega que me aborrece, etc.

De facto, se eu não alcançar um juízo de fé, ditado pela fé, ou seja, ao qual não poderia aceder sem esta, também não posso fazer a experiência que é, depois, a mais correspondente: dar-me conta, com espanto, do amor de Deus por mim, abissal e ao mesmo tempo tão carnal, em qualquer circunstância. Perderia a melhor parte.

Quero dar outro exemplo, que desta vez vou buscar à minha experiência enquanto alpinista. Imaginemos que nos encontramos numa escarpa lisa e por isso, à primeira vista, inacessível. Para um excursionista ocasional, a escarpa parecerá impossível de escalar e regressará a casa desiludido. Mas, para um olhar experiente, as mínimas proeminências, que parecem pouco ou nada, como que insignificantes imperfeições da rocha, tornam-se apoios sobre os quais é possível aguentar o peso do corpo sem cair. E assim, onde pareceria

impossível passar, passa-se. A fé vivida obtém em nós um efeito semelhante: leva-nos a ver por dentro da carne da realidade aquilo que à vista desarmada não aparece e que, no entanto, é essencial para se chegar a ver – para apreciar aquilo a que Giussani nos ensinou a chamar o *cêntuplo* –: o Mistério nas circunstâncias, na carne dos rostos e das coisas. Como ele próprio dizia: «Porque eu vejo aquilo que vocês veem, mas vocês não veem aquilo que eu vejo!».<sup>45</sup>

### **A fé que informa a vida**

É importante compreender como tudo isto é real e tem impacto na experiência pessoal até às suas consequências visíveis, experimentáveis, precisamente. «A fé [...] informa a vida»,<sup>46</sup> dizia-nos o padre Mauro Lepori nos Exercícios da Fraternidade. E, informando a vida daqueles que pertencem ao corpo vivo de Cristo, faz com que se alargue aquela «nuvem de testemunhas» de que fala a Carta aos Hebreus. Uma nuvem viva, não apenas do passado, mas nossa contemporânea, que podemos ver e seguir, como aqueles que puderam encontrar o homem Jesus que caminhava pelas estradas poeirentas da Galileia, pregava e realizava feitos extraordinários. Também nós vemos acontecer coisas extraordinárias, que nos testemunham esta vida nova que a fé introduz. Ouvimo-lo da Jone, há pouco. Mas tivemos a prova disso este verão, nos muitos testemunhos que ouvimos e que continuam a chegar à *Tracce*. Podem encontrar alguns no site de CL ou na revista.

Trata-se precisamente dum *juízo novo*, original, um conhecimento novo das coisas que nos permite estar diante da realidade numa forma que, de outra maneira, estaria fora do nosso alcance.

Então, qual é o problema que temos de enfrentar, tantas vezes, graças ao qual entramos em crise, graças ao qual sentimos a diminuição da fé como fonte de uma certeza existencial capaz de sustentar a vida nas suas provações?

Dizia-nos ainda o padre Lepori nos nossos Exercícios: «Não se perde a fé; a fé deixa de informar a nossa vida». Ou seja, deixa de dar forma à vida a partir de

<sup>45</sup> L. Giussani, *Latrattiva Gesù*, op. cit., p. 15.

<sup>46</sup> M.-G. Lepori, *De olhos fixos em Jesus, autor e consumidor da fé*, Comunhão e Libertação, Lisboa 2023, p. 45.

dentro. *In-formar*, etimologicamente, antes de significar apenas e banalmente “dar notícias”, significa “dar forma a partir de dentro”, “formar a partir de dentro”. [...] O facto é que a fé serve precisamente para *informar* a vida, para dar forma à vida; percebe-se para que serve a fé apenas quando esta dá forma à vida, apenas quando dá à vida uma forma que só a fé pode dar-lhe. Pôr a fé de parte torna-a inútil».<sup>47</sup>

#### 4. UMA COMPANHIA QUE NOS EDUCA

Qual é o caminho – o caminho principal – para entrar nesta experiência tão invejável como aquela que nos transmitiu a Jone ou que nos transmitem tantos amigos nossos, que vivem sem clamor uma experiência profunda de fé? Num certo sentido, já o dissemos: tudo isto se tornou possível graças ao olhar novo que a própria fé nos dá. Ao mesmo tempo, é também verdade que este olhar, ainda que recebido por um mero acontecimento de graça, como qualquer outro órgão deve ser treinado e educado. Tal como o alpinista vê os apoios e consegue ficar preso apenas porque adquiriu familiaridade com a arte da escalada, da mesma maneira o olhar da fé deve ser educado. É necessário um trabalho, uma ascese. Mas não nos educamos sozinhos. É preciso um lugar, uma companhia.

Permitam-me que leia uma passagem lindíssima de Bento XVI: «Não posso construir a minha fé pessoal num diálogo privado com Jesus, porque a fé me é doada por Deus através duma comunidade crente que é a Igreja e, desta maneira, me insere na multidão dos crentes numa comunhão que não é só sociológica, mas radicada no amor eterno de Deus, que em Si mesmo é comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é Amor trinitário. A nossa fé só é de veras pessoal, se for também comunitária: só pode ser a minha fé, se viver e se mover no “nós” da Igreja, se for a nossa fé, a fé comum da única Igreja. [...] Assim o nosso “eu” no “nós”

da Igreja poderá sentir-se, ao mesmo tempo, destinatário e protagonista de um evento que o supera».<sup>48</sup>

Estamos num caminho. O caminho para entrar no olhar de que falámos é a *pertença*. A verdadeira ascese é este dar crédito, este deixarmo-nos abraçar por uma realidade comunitária que nos leva aonde sozinhos não conseguiríamos chegar.

A companhia é o caminho que nos educa para este olhar novo. Fazer o caminho, no qual entrámos com o encontro, é um deixarmo-nos educar. Neste caminho está pelo meio – evidentemente – também a liberdade; é necessária uma energia de liberdade: uma humildade ou, se quisermos, aquilo a que o Evangelho chama «pobreza de espírito».

A sociedade contemporânea diz-te: se queres ser livre, tens de ajuizar tudo sozinho, não deves deixar que ninguém invada o teu espaço privado. Infelizmente, às vezes também somos tentados a pensar o mesmo. Nós, porém, dizemos o contrário: nós dizemos que é a comunhão que liberta o eu (por isso nos chamamos «Comunhão e Libertação»). Qual é, com efeito, o modo de atuar do Mistério? «O modo como o Pai atua chama-se Cristo, e portanto Igreja, e portanto comunhão entre nós. Que peso eterno, que valor infinito, que densidade estão nestas palavras, que usamos como um papel velho com que os nossos filhos brincam».<sup>49</sup>

Em suma, não é por mim mesmo que me afasto do meu ponto de vista para entrar no olhar novo que nasce da fé. Vamos ouvir o que diz Giussani a este propósito: «Um encontro: tu encontraste esta companhia; esta é a modalidade com que o mistério de Jesus, Jesus, a presença de Jesus na história, bateu à tua porta. Agora – agora! – está a bater da mesma maneira, porque é “ontem, hoje e pelos séculos” (Heb 13,8). Tornas-te tu mesmo seguindo esta companhia, ou seja, procurando conceber a vida tal como a concebe esta companhia, procurando sentir as relações da forma como esta companhia te induz, como te sugere esta companhia, como te dá exemplo esta companhia (por

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 46.

<sup>48</sup> Bento XVI, *Audiência geral*, 31 de outubro de 2012.

<sup>49</sup> L. Giussani, *Fede è riconoscere una presenza*, Appunti da una conversazione di Luigi Giussani con un gruppo di adulti, Milão, 1977, suplemento de *Litterae Communionis-Tracce*, n. 11/2000, p. IV.

isso é importante quem é mais velho, ou quem tem autoridade). Tornas-te tu mesmo se obedeceres, se te identificares com as características desta companhia, se não objetares: “Mas eu sou eu! Por que é que devo seguir este aqui?”, ou: “Eu sigo as normas morais, mas não sigo as indicações que estes me dão. Por exemplo, eles dizem que a oração mais bonita, mais humana, mais eficaz, mais persuasiva, é a liturgia. Mas eu não, eu sigo outros que exaltam a oração individual”. São duas modalidades de adorar a Deus, mas se tu contrastes esta companhia, deves procurar seguir esta companhia, identificares-te conosco, com a experiência que nós vivemos: isso exalta a tua fisionomia, o teu caráter, a tua personalidade. Então, a questão não é observar determinadas regras, mas identificarmo-nos com um espírito, identificarmo-nos com uma mentalidade, identificarmo-nos com uma sensibilidade; ou seja, identificarmo-nos com um carisma – é o termo global que se usa –, com uma modalidade através da qual o mistério de Deus feito homem te alcançou de forma persuasiva e te disse: “Vem”». <sup>50</sup>

Se isto for verdade, uma pessoa, porém, pode dizer: «Sim, ok, mas se eu não sinto uma correspondência, é ainda razoável seguir?», entendendo a correspondência como *aquilo* que é proposto e como o *modo com que* me é proposto. Ou: «Parece-me que não percebo», outra objeção. Eu respondo assim: é razoável seguir mesmo quando não se percebe tudo. É uma consequência daquilo que acabámos de ouvir de *don* Giussani. Isto não quer dizer que eu sigo negando a minha razão, negando o meu coração, senão seria alienação.

A disponibilidade não é fideísmo: é-me sempre dada a possibilidade de verificar – verificar! – a proposta que me é feita. Mas para verificá-la tenho de, acima de tudo, dar crédito a quem a faz, assumindo-a como hipótese positiva. Por que é que sigo mesmo quando alguma coisa parece não corresponder, fazendo-me entrar em crise? Graças a uma fidelidade ao encontro que tive, ou seja, à modalidade com que o mistério de Jesus bateu à minha porta, à tua porta. E que razão, para ser fiel ao encontro que tive, é que devo seguir

precisamente estas pessoas mais do que outras? Porque a fidelidade não é, em última instância, a elas, mas Àquele que, na objetividade desta companhia guiada para o destino, está presente, continua presente, para além de todos os erros que cada um de nós pode fazer, revelando-se como a única resposta à vida: «Senhor, [se nos afastarmos de ti] a quem iremos? [Só] Tu tens palavras de vida eterna». <sup>51</sup>

## 5. DA FÉ, A MISSÃO

O culminar deste olhar novo que nasce da fé é olhar para o outro com o estremecimento de que ele possa ser investido pelo mesmo Acontecimento que enche a minha vida. Chama-se missão. O Papa, a 15 de outubro, insistiu muito nesta palavra, dedicando-lhe toda a parte final do seu discurso.

Dizia-nos sua Excelência, Monsenhor Paolo Martirelli, na Assembleia Internacional de Responsáveis de agosto: «Estou a aprender que ser enviado quer dizer, acima de tudo, que somos sempre enviados por Alguém. Isto quer dizer que só é possível sermos enviados se estivermos em nexos profundos com quem nos envia. Assim que nos esquecemos disto, perdemos o sentido da missão. Já não temos o sentido de nós mesmos».

A missão começa onde foste chamado a estar, e o desenvolvimento disto é aquilo que Deus quiser. Caso contrário, não é missão. Missão quer dizer que há Alguém que te manda; quer dizer que tu, através do encontro, foste escolhido, escolhido para dar a conhecer a todos Aquele que, sem mérito teu, te escolheu, te preferiu.

Escolheu-te com este objetivo. E então, se te escolheu para esse fim, se te chamou – vocação – e se o ser chamado coincide com o ser enviado, isso significa que tu, onde estás, tens a consciência de que não estás aí só para ti, só para o teu projeto, só para o teu ganho, só para receberes o máximo que puderes, mas estás aí para responder a Alguém que te quer aí, estás aí por-

<sup>50</sup> L. Giussani, *Dal temperamento un metodo*, Bur, Milão 2002, pp. 7-8.

<sup>51</sup> Jo 6,68.

que Alguém te enviou e quer dar-se a conhecer através de ti, através daquilo que Ele, se O reconheceres e aceites, muda em ti.

Para nós, ter esta consciência é o início da missão. Pensemos, por exemplo, naqueles que se encontram nos lugares mais impensáveis do mundo para trabalhar, como esta consciência pode mudar a sua maneira de estar lá: estão lá para trabalhar, sim, mas já não estão lá apenas para trabalhar, mas para que outros, através das suas vidas, possam encontrar e conhecer Cristo, e isso também afeta a sua maneira de abordar o seu trabalho e as suas circunstâncias.

## 6. A LIBERDADE JOGA-SE NO PEDIDO

Tudo isto é tornado possível, do princípio ao fim, pela ocorrência da iniciativa de Outro. A graça tem a primazia não apenas no início, nem mesmo apenas no fim, mas em cada passo do caminho. É, portanto, a graça que me leva à nova experiência de que falámos. Mas – como recordámos – a nossa liberdade também está em jogo, como pedido.

Um excerto de *Si può (veramente?!) vivere così?* reiteira-o noutros termos, resumindo o percurso aqui feito.

Uma pessoa, que iniciou o caminho do noviciado nos *Memores Domini*, diz a *don* Giussani: «Aprende-se a amar Cristo na relação com a realidade; porém, corro o risco de um panteísmo, ao mesmo tempo que percebo que devo dar a vida a uma pessoa, a Cristo». Ele, replicando, revira assim a perspectiva: «Essa é uma hipótese meramente abstrata, são apenas palavras. Aprendemos a amar Cristo porque este se revela a nós. Desculpem, vocês que aqui estão foram objeto da iniciativa de Outro: não foram vocês que escolheram a ocasião que os trouxe aqui! Por isso, é sempre uma ingratidão profunda não nos recordarmos disso, pior ainda, renunciarmos a isso. Aprende-se a amar Cristo reconhecendo a sua presença. É uma graça: tal como a presença é uma graça, também é uma graça reconhecê-la. O desenvolvimento desta graça chama-se pedi-

do. O Padre Kolbe, enquanto estava no *bunker* onde foi morto, naquelas horas terríveis, rezando, uniu-se mais profundamente a Cristo e conheceu mais profundamente Cristo do que quando estudava teologia no seminário! Não é conhecendo a realidade que se conhece Cristo, porque não se tem onexo. É conhecendo Cristo que se conhece a realidade. E conhece-se melhor Cristo pedindo-o».<sup>52</sup>

Evidentemente, Giussani aqui não opõe Cristo à realidade, nem está a desvalorizar a relação com a realidade como caminho para Ele, mas pretende sublinhar que nós só podemos «amar» Cristo se for Ele a tomar a iniciativa de se tornar presente. O conhecimento d'Ele, da sua divindade, com efeito, não é o resultado duma investigação racional, mas um dom. Nós somos objeto de um dom.

Concluo com as palavras que Dom Giussani usou numa conversa com um grupo de adultos em Milão, em 1977, e que me parecem dirigidas a nós hoje da mesma maneira: «Sinto alegria por vos falar, uma alegria que deve atravessar com esforço todo o peso dos meus limites, da consciência do meu pecado, não para vos fazer um discurso, mas para dizer e repetir estas palavras que são a *vida*. Não a vida num sentido abstrato e genérico, como uma definição, mas tu: estas palavras são tu, a tua pessoa, são esse destino para o qual está a fluir toda a energia que Deus gerou no seio da tua mãe e que tem o teu nome. Mas o significado dessa energia não é o teu nome, porque o teu verdadeiro nome é outro: é a fé que te foi dada».<sup>53</sup>

<sup>52</sup> L. Giussani, *Si può (veramente ?!) vivere così?*, op. cit., p. 572.

<sup>53</sup> L. Giussani, *Fede è riconoscere una presenza*, op. cit., p. II.

Tradução de Maria Ramos Ascensão

© 2023 Fraternità di Comunione e Liberazione.

Foto da capa: *O milagre do cego de nascença*, fresco, séc. XI, Basílica beneditina de Sant'Angelo in Formis (Caserta). © Don Francesco Duonnolo